

Revista Movimentos Sociais & Dinâmicas Espaciais

ISSN: 2238-8052

<http://www.revista.ufpe.br/revistamseu>

Ensaio recebido em 03/05/2017 e aceito em 13/07/2017.

JEAN BRUNHES: A ATUALIDADE DE UM GEÓGRAFO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

JEAN BRUNHES: L'ACTUALITÉ D'UN GÉOGRAPHE DU DÉBUT DU XXÈME SIÈCLE

Cláudio Jorge Moura de CASTILHO ¹

RESUMO

Este escrito possui como objetivo principal resgatar a atualidade da rica contribuição do geógrafo francês Jean Brunhes (1869-1930) para a construção de uma perspectiva dinâmica, integral, interdisciplinar e complexa de geografia. Acredita-se que, remontando um pouco na história – ao início do século XX neste caso – do nosso campo do conhecimento, poder-se-á retomar caminhos conseqüentes que foram perdidos no curso do processo de exacerbação da fragmentação e compartimentação da ciência tendendo a uma perspectiva simplista da realidade espacial. A metodologia do escrito fundamentou-se, notadamente, nos procedimentos de pesquisa relativos a revisão bibliográfica e interpretação livre do conteúdo da obra principal do autor em epígrafe, ou seja, a *Geografia Humana*, a sua obra mais referenciada pelos geógrafos. O resultado principal desta pesquisa replicou-se na constatação de que é muito importante consultar as fontes originais dos trabalhos científicos, claro que considerando-as no seu contexto histórico-geográfico específico, e não se limitando, portanto, a opiniões de terceiros as quais, algumas vezes, resultam de interpretações que, ideologicamente subordinadas a visões simplistas de mundo, incorrem em erros graves que dificultam o processo efetivo de avanço na ciência.

Palavras-chaves: Geografia; Dinâmica; Totalidade; Complexidade; Interdisciplinaridade.

RÉSUMÉ

Cet écrit a pour but principal de prendre en considération l'actualité de la riche contribution du géographe français Jean Brunhes (1869-1930) en ce qui concerne la construction d'une perspective dynamique, intégrale, interdisciplinaire et complexe de la géographie. On croit que, remontant un petit peu dans l'histoire – au début du XXème siècle en particulier – pour ce qui est du notre champs de la connaissance, on pourra reprendre les bons chemins qui avaient été perdus tout au long du processus d'exacerbation des tendances à la fragmentation et division de la science en vue d'une perspective simpliste de la réalité spatiale. La méthodologie de l'écrit est

¹ Professor Associado do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco.
E-mail: claudiocastilho44@gmail.com.

basée, notamment, sur des procédures de recherche relatives à une révision de la bibliographie et à l'interprétation libre du contenu de son oeuvre plus importante et référencée par les géographes, c'est-à-dire la *Géographie Humaine*. Le résultat principal de cette recherche a trait à la constatation selon laquelle il faut consulter directement les sources originales des travaux scientifiques en prenant en considération bien sûr sa contextualisation historique-géographique, au lieu de se limiter à des opinions intermédiaires lesquelles, parfois, résultent des interprétations idéologiquement chargées, ce qui rend plus difficile encore de reprendre la route du progrès scientifique.

Mots-Clés: Géographie; Dynamique; Totalité; Complexité; Interdisciplinarité.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como todo trabalho humano possui uma razão de ser, este escrito retoma uma intenção, outrora pensada, de empreender uma reflexão acerca da contribuição direta da geografia para o entendimento da complexidade das inter-relações historicamente tecidas entre sociedade e natureza, no curso do processo de evolução histórica deste importante e pertinente campo do conhecimento científico.

A escolha do trabalho do geógrafo francês Jean Brunhes (JB)², como ponto de partida da empreitada acima colocada, deveu-se, sobretudo, a dois motivos: o primeiro em função do papel que este intelectual exerceu – algumas vezes explicitamente, outras implicitamente – na geografia, e isto sob o domínio do paradigma da denominada *Geografia Tradicional* de influência francesa em que a preocupação entre homem e meio esteve presente durante muito tempo; e o segundo, em função da sua obra ter sido construída a partir de uma perspectiva fortemente interdisciplinar de análise visando compreender a complexidade do processo de produção do espaço dos homens e das mulheres no mundo.

² Professor de História e Geografia, segundo Andrade (1987, p. 72), “Jean Brunhes viveu na Suíça, onde foi professor da Universidade de Friburgo, mantendo grande contato com os alemães, e os seus estudos tiveram concentrada preocupação com temas como o da irrigação na Espanha e no norte da África. Publicou uma geografia humana na qual classificou os fatos de ocupação do espaço em três grandes grupos: os fatos de ocupação produtiva do solo, os de ocupação improdutivo do solo e, finalmente, os de ocupação destrutiva. Sua ligação ao pensamento alemão fez com que não desprezasse tanto as formulações teóricas gerais e que desse grande importância aos estudos das relações entre o homem e o meio natural. Preocupou-se com os problemas antropológicos, fazendo com que os seus estudos monográficos dessem grande importância à análise de técnicas e seus seguidores chegaram a publicar uma revista dedicada, a um só tempo, à Geografia Humana e à Etnografia. Também Pierre Deffontaines, que foi muito influenciado por suas ideias, dirigiu [...], por muitos anos, uma coleção de livros de Geografia Humana, cujos títulos estavam ligados sobretudo às relações entre o homem e o meio. Aproximando-se de Camille Vallaux, publicou em colaboração com este um livro de análise de geografia histórica”. Percurso que explica um pouco o porquê da sua perspectiva interdisciplinar, buscando aproximar-se da complexidade do processo de organização espacial e, portanto, representando uma interessante síntese entre as escolas alemã e francesa de geografia.

Ressalta-se, ainda, que o presente escrito não se trata de um mero retorno ao passado visando fazer mais uma descrição no âmbito da evolução da geografia; mas, principalmente, pretende-se aqui remontar à geografia do início do século XX com o propósito de resgatar suas raízes de ciência de inter-relações, que é capaz de apreender a complexidade do espaço humano a partir do qual as diversas sociedades tecem seus ambientes de trabalho, vida, prazer, etc.

Concomitantemente, o nosso contato, cada vez maior, com a questão ambiental tem-nos levado a buscar realizar uma efetiva reaproximação entre os processos socioterritoriais e a natureza. Para isso, acredita-se que não haveria outro caminho a ser percorrido senão começando pelo “retorno” às origens da geografia a fim de reapropriarmos-nos dos avanços iniciados em termos da necessidade de atingirmos à complexidade no que tange às inter-relações entre sociedade e natureza.

Nesta perspectiva, poder-se-á contribuir interdisciplinarmente para o estudo das inter-relações supracitadas, sem negar o próprio campo disciplinar do qual se está partindo; mas aprofundando, a partir da geografia, as discussões e os debates em torno da questão ambiental a qual possui suas raízes no momento em que as relações capitalistas de produção, calcadas nos imperativos inerentes à lógica da racionalidade técnico-instrumental utilitarista, passaram a se tornar predominantes na sociedade.

Este advento, por sua vez, teve significativa repercussão no âmbito do conhecimento científico, fragmentando-o e especializando-o cada vez mais de tal maneira que se foi perdendo, paulatinamente, a visão, por exemplo, do espaço como uma totalidade dinâmica, integrada e complexa.

Daí o porquê da necessidade que temos de remontar um pouco mais no tempo histórico da produção do conhecimento geográfico a fim de, como que, “recuperar a complexidade perdida”. E, no caso, em particular, de campos do conhecimento como o nosso, tem-se uma vantagem a ser efetivamente aproveitada na medida em que, enquanto

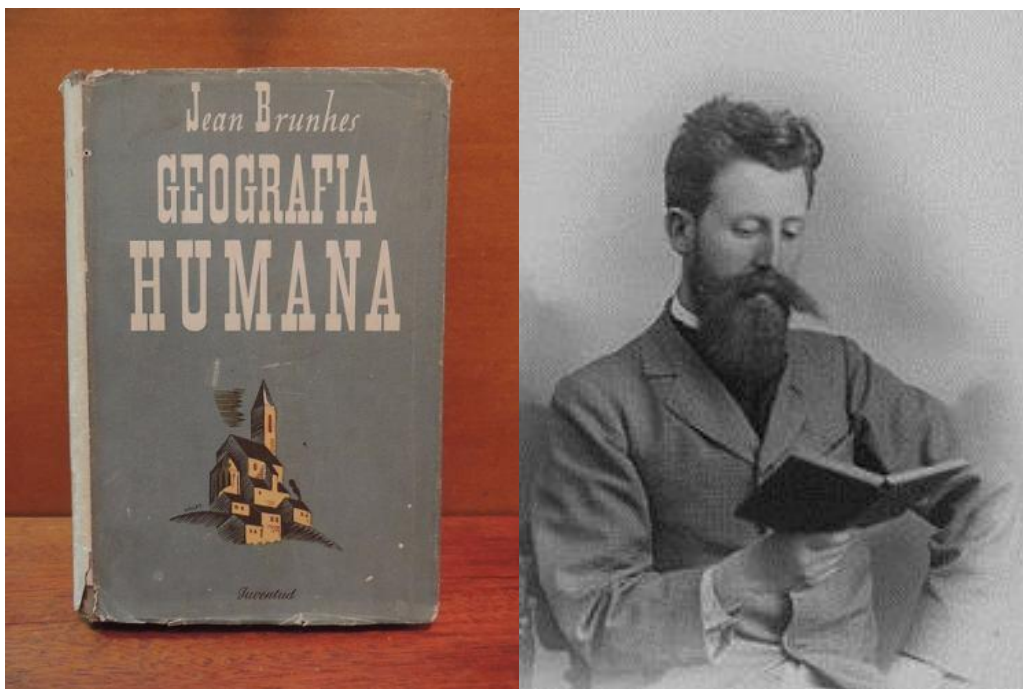
O desenvolvimento anterior das disciplinas científicas, tendo fragmentado e compartimentado mais e mais o campo do saber, demoliu as entidades naturais sobre as quais sempre incidiram as grandes interrogações humanas: o cosmo, a natureza, a vida e, a rigor, o ser humano. As novas ciências, Ecologia, ciências da Terra, Cosmologia, são poli ou transdisciplinares: têm por objeto não um setor ou uma parcela, mas um sistema complexo que forma um todo organizado. Realizam o restabelecimento dos conjuntos constituídos, a partir de interações, retroações, inter-retroações, e constituem complexos que se organizam por si próprios. [...] **Já existiam ciências multidimensionais, como a Geografia, que vai da Geologia aos fenômenos econômicos e sociais.** (MORIN, 2014, pp. 26-27, destaque nosso)

Destarte, ao mergulharmos-nos na obra do geógrafo francês Jean Brunhes, percebe-se o quanto a geografia, cada vez mais especializada e fragmentada, afastou-se da sua postura inicial traduzida pela busca da complexidade dos fatos geográficos em suas conexões dinâmicas na

história do mundo. Mas, esta percepção, concomitantemente, leva-nos a fazer um esforço epistemológico no sentido de resgatar os seus fios condutores, buscando – a partir da junção dos fragmentos – novamente os caminhos para tecer a complexidade perdida.

A construção da presente reflexão de ordem, preponderantemente, teórica, foi realizada com base em procedimentos metodológicos que julgamos serem pertinentes ao nosso propósito, quais sejam: o da revisão do conteúdo da obra *Geografia Humana* (Figura 1) do geógrafo francês Jean Brunhes, destacando as principais questões nela colocadas; assim como o da interpretação livre do seu conteúdo de maneira a ressaltar a sua pertinência, ainda, para o mundo de hoje.

Figura 1: Edição antiga da *Geografia Humana* de Jean Brunhes



Fonte: disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/f4/BRUNHES_Jean.jpg/200px-BRUNHES_Jean.jpg

Estruturou-se o texto em cinco seções a fim de facilitar a reflexão ora realizada quais sejam: considerações iniciais (primeira); uma abordagem dinâmica e integral dos fatos geográficos (segunda); retorno à complexidade perdida (terceira); a complexidade na explicação de fenômenos/fatos geográficos específicos: doenças infecciosas, habitação e questão ambiental (quarta); e conclusão (quinta seção).

2. UMA ABORDAGEM DINÂMICA E INTEGRAL DOS FATOS GEOGRÁFICOS

Antes de começar o trabalho ora proposto, gostaríamos de assumir a postura de que, a despeito da reprodução das ideias do autor em epígrafe, procurou-se não ficar muito preso a elas, ou seja, buscou-se ir além do seu aspecto formal, rerepresentando seu conteúdo à luz dos nossos próprios interesses atuais no âmbito da geografia a fim de aproximarmos-nos da sua essência.

Faz-se ainda necessário dizer que não se considerou JB como autor limitadamente vinculado a uma escola nacional – como a francesa – e muito menos como pertencente a algum setor específico da geografia – geografia física, geografia humana, etc. – posturas devidamente criticadas por Moreira (2015). Mas como um geógrafo “independente” de tais paradigmas; e isso sobretudo para realçar a sua originalidade no âmbito da complexidade do seu tempo-espaço.

Nesta perspectiva, ressalta-se que o pensamento de JB constituiu uma forma de matriz do pensamento, cujo conceito de matriz, muito bem argumentado por Moreira (2015, p. 47),

[...] supõe, então, o clareamento do campo epistemológico dos pensadores. Isto é, o fundamento conceitual-ideológico de onde eles partem como raiz de base e o quadro das mediações que utilizam para organizar esse fundamento no formato discursivamente localizado. No caso, a Geografia. (MOREIRA, 2015, p. 47)

Com a escolha de analisar o espaço pela série dos fatos geográficos essenciais – ocupação improdutivo do solo (casa, caminho); ocupação produtiva do solo (cultura, criação, indústria); e ocupação destrutiva do solo (devastação mineral, vegetal, animal, povos) – como princípios ordenadores do método, mediante o “princípio de atividade” e o “princípio de conexão”, JB proporcionou a realização de uma abordagem, ao mesmo tempo, dinâmica e integral dos elementos, para ele, principais do conhecimento geográfico, tendo em vista o seu movimento no tempo.

Para JB, o princípio de atividade, utilizado por ele como um dos instrumentos teórico-metodológicos fundamentais nos seus estudos sobre as inter-relações dos homens e das mulheres com seu espaço, referir-se-ia, portanto, à consideração de que

Tudo se transforma ao nosso redor; tudo diminui ou cresce. Nada há verdadeiramente imóvel. O nível do mar, referência universal e tradicional para a medida de altitudes é uma linha média puramente fictícia e muitas vezes instável. As imensas extensões geladas, em sua fixidez aparentemente eterna, deslocam-se, entretanto, por movimentos lentos e contínuos. Os mais elevados picos serão, mais cedo ou mais tarde, reduzidos às altitudes mais modestas. (BRUNHES, 1962, p. 27)³

³ Optou-se, neste escrito, pela reprodução *ipsis literis* das várias passagens que julgamos interessantes da sua obra *Geografia Humana*, com o objetivo, sobretudo, de dar novamente voz a Jean Brunhes,

Este princípio, aliás, remete-nos, portanto, a um processo, como se colocará posteriormente, de permanente movimento contraditório entre forças que desagregam/destroem – a *força louca do sol* – e forças que reintegram/constroem/reconstroem – a *força sábia da terra* – dialeticamente desordenando e reordenando o espaço. O que nos remete, por sua vez, à ideia de que, em vez de estável/certo, o mundo é completamente instável/incerto sendo esta uma primeira grande contradição do trabalho do JB, que nos levou a uma ideia dinâmica e não estável da geografia.

Enquanto isso, o princípio de conexão funcionaria como uma perspectiva de religar os fatos geográficos essenciais como uma série de fenômenos que se achavam no mundo – terra/planeta/globo – no sentido de compreendê-lo como uma totalidade complexa e acontecendo em movimento permanente. Desse modo, dizia JB,

Não basta estudar isoladamente essas séries diversas de fenômenos; elas não existem isoladas na realidade; estão ligadas umas às outras. A ideia de conexão deve dominar qualquer estudo completo dos fatos geográficos; não nos podemos contentar com a observação de um fato em si ou de uma série isolada de fatos; depois dessa observação inicial, trata-se de recolocar a série no conjunto natural, no conjunto complexo dos fatos em meio aos quais ela se produziu e se desenvolveu; é preciso procurar como ela se prende às séries de fatos que a cercam, em que medida os determinou, e, reciprocamente, em que medida ela sofreu a sua influência. (BRUNHES, 1962, p. 32)

Com base em tais princípios, aliás, não somente defendidos teoricamente, mas ao mesmo tempo utilizados na sua análise geográfica, JB considerava o planeta terra como uma unidade, uma solidariedade orgânica/social, na condição de uma *máquina* que era permanentemente desenvolvida, ampliada, desabrochada e, contraditoriamente, destruída, reconstruída. O que, em seu conjunto, nos aproxima, nitidamente, de uma perspectiva dialética – não necessariamente marxiana – de abordagem.

Na perspectiva citada no parágrafo acima, JB não concebia o homem separado da natureza, mas, muito ao contrário, intrinsecamente inter-relacionado com ela, muito embora às vezes, segundo ele mesmo dizia, o homem não se desse conta de tal aproximação vital à sua existência na terra. Destarte, argumentava ele que

Atividade, conexão, tais são, portanto, os dois princípios que, atualmente, devem dominar a geografia. As forças da natureza física estão ligadas umas às outras em suas consequências, em suas relações e nas consequências de tais relações. O homem não escapa à lei comum; sua atividade é compreendida dentro da malha dos fenômenos terrestres. (BRUNHES, 1962, p. 41)

reproduzindo suas ideias com suas próprias palavras. Desse modo, pedimos desculpas aos leitores pelo excesso de citações de uma mesma obra, porém justificamos tal escolha pela necessidade de valorizar a essência do trabalho e dos propósitos filosóficos do autor em epígrafe.

Em sendo assim, o homem, seus fatos geográficos, suas técnicas, suas formas de pensar em seu conjunto só poderiam ser entendidos como uma totalidade-complexa, no âmbito de um quadro histórico dinâmico e integral.

Tem-se, assim, em pleno início do século XX, quando o conhecimento científico ainda não se tinha fragmentado, compartimentado e especializado tanto como nos dias atuais, uma abordagem, efetivamente, dinâmica e integrada da geografia, isto é, muito próxima do que se defende hoje como algo no âmbito do Paradigma da Complexidade.

Na visão de Moreira (2015, p. 75), geógrafo de grande densidade, na *Geografia Humana*⁴, JB realizou um trabalho de cunho sistemático que antecipou uma série de questões atuais, dentre as quais a do debate ambiental – considerando, simultaneamente, os problemas atinentes ao desmatamento, à destruição de solos e à água, dentre outros – que veremos mais adiante com base nos seus vínculos com o processo de formação dos espaços humanos.

Comungando da mesma opinião deste geógrafo brasileiro no que diz respeito ao brilhantismo, à criatividade e à inovação da obra de JB, Yves Lacoste acrescentou, como contribuição significativa de JB para uma geografia irreverente, a sua sensibilidade social, sobretudo, em virtude do seu engajamento político (ZANOTELLI, 2005); o que não agradou de nenhum modo a então Corporação Geográfica conservadora e autoritária que se fazia maioria, durante aqueles tempos, na França.

No entanto, para Yves Lacoste, não se deve divinizar a obra *Geografia Humana* de JB, principalmente porque esta havia sido admitida pela corporação acima citada; considerando-a apenas como uma das etapas do pensamento global de JB o qual, por seu turno, seria completada com a obra *La Géographie de la Paix et de la Guerre*⁵ (ZANOTELLI, 2005)

Concorda-se com Yves Lacoste que não se deve divinizar a obra em epígrafe nesta reflexão, o que serve para qualquer outra. Porém, não se aceita aqui a razão colocada por ele, ou seja, a de que não se deveria divinizá-la porque a referida Corporação a havia aceitado, e isto porque a sociedade não constitui um bloco monolítico em que todos pensam da mesma forma, mas que, a despeito do domínio de determinada – ou determinadas formas –, há sim possibilidades de coexistência de formas diferentes de pensar e agir.

Ademais, sente-se, nitidamente, outro grande papel de JB ao ter valorizado experiências inerentes aos indivíduos e grupos por ele abordados com o propósito de compreender os

⁴ Publicada, inicialmente, em 1910 e, posteriormente, revista e ampliada, respectivamente, em 1912 e em 1925. Nós, entretanto, tivemos acesso à primeira edição brasileira, publicada em 1962.

⁵ No presente escrito, optou-se pela não consideração do conteúdo desta outra interessante obra de JB, principalmente para explorar mais os detalhes que julgamos relevantes da sua *Geografia Humana*. Contudo, pretende-se, em outra ocasião não muito distante, dar continuidade à análise da contribuição da obra global de JB, através da exploração deste outro trabalho atribuído, talvez pelo seu conteúdo político, por Lacoste como o de maior genialidade do autor.

comportamentos e as maneiras de sentir das pessoas acerca dos seus lugares de existência; o que o aproximaria, ao mesmo tempo, de correntes do Humanismo.

3. RETORNANDO À COMPLEXIDADE PERDIDA

A consideração dos princípios de atividade e conexão na análise detalhada dos fatos geográficos – considerados, por ele mesmo, como essenciais (1962, *passim*) – no âmbito de um movimento permanente, suscitando mudanças no processo de formação das paisagens – rurais e urbanas – no curso das vicissitudes históricas, aproxima JB do que se conhece hoje como Paradigma da Complexidade.

Muito embora tenhamos que deixar claro que tal aproximação deve ser compreendida no contexto da geografia que se podia fazer no início do século XX. Entretanto, não há nenhuma dúvida de que JB não fazia, de nenhum modo, uma geografia fragmentada, compartimentada, estática e simplista tal como se generalizou para definir os geógrafos que trabalharam sob o domínio preponderante da *escola tradicional* do nosso campo de conhecimento.

Diante do que se acabou de colocar não se acredita de todo que se pode considerar que todos os geógrafos daqueles tempos achavam-se encaixados num só esquema de uma mera “geografia da paisagem”. Isso porque alguns deles, dentre os quais JB, foram muito além da perspectiva de considerar

[...] o homem [...] por suas obras e enquanto contingente numérico, presente numa porção da superfície da Terra. A Geografia vidalina fala de população, de agrupamento, e nunca de sociedade; fala de estabelecimentos humanos, não de relações sociais; fala das técnicas e dos instrumentos de trabalho, porém não de processo de produção. Enfim, discute a relação homem-natureza, não abordando as relações entre os homens. É por esta razão que a carga naturalista é mantida, apesar do apelo à História, contido em sua proposta. (MORAES, 1983, p. 72)

Às vezes direta, outras vezes indiretamente, acredita-se, portanto, que alguns geógrafos não somente realizaram um trabalho muito mais profundo indo além da caracterização acima colocada, como, simultaneamente, apontando caminhos diferentes e abrindo perspectivas mais dinâmicas e integrais de ciência.

A complexidade da *Geografia Humana* proposta e, ao mesmo tempo, realizada por JB partia do pressuposto assumido por ele mesmo segundo o qual

A análise detalhada dos *fatos essenciais*, seriados em três grupos – ocupação improdutiva do solo, ocupação produtiva, ocupação destrutiva –, organizou-os segundo uma ordem lógica. Convém agora chegar-se a uma contraprova, a exemplo de estudos sintéticos que tratam os fatos de Geografia Humana em sua natural e total complexidade. (BRUNHES, 1962, p. 352)

Continuando a discorrer acerca da sua tentativa de realizar uma geografia efetivamente complexa, JB, entretanto, reconheceu que tal proposta não seria de todo fácil de ser concretizada. De acordo com suas próprias palavras,

[...] torna, algumas vezes, bem difícil a determinação da ligação existente entre os homens e a Natureza. Êste traço de conexão é, com efeito, variável, pois repousa sobre as necessidades do homem, seus apetites espontâneos ou refletidos e, como êstes elementos psicológicos são muito variáveis, fazem forçosamente oscilar a própria relação entre a terra e o homem. Assim chegamos a uma nova ordem de complexidades, que resultam da sucessão, através dos tempos, de diferentes fenômenos sobre um só espaço. O quadro geográfico continua o mesmo; porém, os homens que vivem neste quadro têm necessidades que, sem cessar, se modificam, crescem e se complicam". (BRUNHES, 1962, p. 436)

E é óbvio que, não obstante a sucessão de mudanças no curso do tempo histórico, o quadro geográfico pode permanecer o mesmo, ou melhor, sua forma pode até mudar, mas seu conteúdo mantém-se o mesmo. Isso acontece, sobretudo, porque a racionalidade responsável pela dinâmica geográfica continuava, desde então, a mesma, ou seja, a da lógica técnico-instrumental utilitarista inerente ao capitalismo que já se fazia patente naquele momento e que infelizmente estendeu-se até os dias atuais.

Daí por que o geógrafo, segundo JB, teria que levar em conta outros elementos – os subjetivos, desdenhados pelo *establishment* – a fim de discernir melhor a natureza do processo perpétuo de produção do espaço geográfico, razão pela qual o próprio autor em epígrafe deu destaque ao que chamou de *elemento psicológico humano* o qual, para ele compreendia

[...] portanto a *origem* do fato geográfico, o intermediário obrigatório entre a Natureza e o homem, [que] poderia ser chamado, segundo uma expressão geral cara a HENRI BERGSON, ‘a direção da atenção’, e é ainda um fator psicológico que atua como intermediário entre a Natureza e o homem, quanto às conseqüências sociais, históricas, políticas, que são seu seguimento. Destas casas aglomeradas em vilas e aldeias, desta aproximação, dêste ajuntamento de habitantes nas ilhotas ou penínsulas, nascem hábitos de vida citadina, vida social, e sem dúvida também um certo temperamento *político*, que não deixa de estar em relação com a forma concentrada... (BRUNHES, 1962, p. 438)

Com base nesta última colocação, torna-se ainda mais patente que, para JB, o objeto da geografia – o que se chamou posteriormente de espaço geográfico organizado pelos homens – constituía algo muito mais abrangente do que a materialidade; constituía, assim, concomitantemente, a imaterialidade, ou seja, relações sociais – econômicas, culturais, políticas, intencionalidades, etc. – compreendendo, enfim, uma totalidade complexa que se move em algum sentido. Não residiria aí o embrião para a elaboração teórica do que se considerou, depois, de *tecnosfera* e *psicosfera* como dimensões indissociáveis do espaço geográfico?

E, visando atingir tal perspectiva, JB também foi um geógrafo muito avançado para o seu tempo no que tange às suas escolhas metodológicas, escapando, assim, da “camisa de força”

vestida por aqueles cientistas de vertente mais conservadora e autoritária que predominavam na academia francesa de então

Portanto, em Geografia Humana, é importante proceder como em tôdas as ciências da observação, classificando os fatos, destacando categorias precisas do conjunto intrincado de que fazem parte e levando a cabo a observação comparativa dêstes fatos destacados em uma série de casos análogos ou vizinhos ou progressivamente distintos: programa cujos artigos principais se trata, agora, de indicar com nitidez. (BRUNHES, 1962, p. 54)

Em assim sendo, no âmbito desta perspectiva metodológica dinâmica e integral, JB também já fazia uso de técnicas de pesquisa científica inusitadas no seu tempo, tais como a fotografia, os desenhos realizados de lugares altos, e a fotografia aérea como instrumentos de sofisticação sabiamente utilizados na argumentação científica. Com o que se sente uma forte inter-relação, também, entre os discursos verbal e iconográfico, tal como se observa, claramente, na sua *Geografia Humana*.

Grande destaque também na sua obra, vale reiterar, intrinsecamente vinculado ao princípio da atividade, teve a perspectiva do *vir a ser*, muito valorizado hoje no âmbito da chamada teoria social crítica. Perspectiva que é facilmente percebida do conteúdo da citação abaixo colocada, no momento em que JB se questionava em que medida

Será suficiente indicar aqui, por meio de alguns fatos, em que medidas a investigação e a explicação geográficas podem fazer compreender os destinos dos grupos humanos, os interesses que os dividem, as lutas a que se entregam e, por vêzes, as razões quase tirânicas que inclinam sua vontade numa direção predominante. (BRUNHES, 1962, p. 406)

Enfim, das contradições consideradas no âmbito do movimento da história, percebe-se que as coisas não permanecem, sempre, do mesmo modo, podendo ser mudadas. Mas, os homens e as mulheres deveriam se autoconscientizarem da necessidade de anteciparem-se, buscando controlar as rédeas dos processos de mudança, pelo menos “mitigando” os impactos da ocupação destrutiva do solo.

Da mesma maneira, o exemplo, também, do processo de uso improdutivo do solo remete-nos a uma ideia de mudança permanente e, portanto, de flexibilidade no que tange à formação do espaço geográfico. Isso na medida em que a construção de casas formando manchas de povoamento, articuladas a estradas, construindo cidades, atraindo indústrias, fomentando trocas e interações regionais articulam espaços os quais, por sua vez, podem ser desfeitos e refeitos continuamente pelas vicissitudes histórico-econômicas do mundo.

Para o que, aliás, necessitava-se aprimorar a metodologia utilizada na análise dos fatos geográficos, mas JB referia-se a uma metodologia mais adequada aos problemas e necessidades

essenciais do homem. Constatação que o levou a indagar-se sobre a natureza inerente ao espírito geográfico.

Em que consiste o espírito geográfico? Quem é geógrafo sabe abrir os olhos e ver. Não vê quem quer. Em matéria de Geografia Física, como em matéria de Geografia Humana, a aprendizagem, à visão das coisas positivas das realidades da superfície da terra, será o primeiro estágio e não o mais fácil. Como conseqüência, o método geográfico em todos os domínios onde pode ser empregado, é um método que dá sempre a primazia de lugar e interesse ao estudo exato, preciso, do que existe hoje em dia. Os geógrafos devem sempre se esforçar para constatar com exatidão *onde* se produz o fenômeno estudado. Esta preocupação de lugar deverá traduzir-se em mapas ou representações esquemáticas, sôbre os quais se acharão representadas duas ordens de fatos: os *pontos* ou *zonas* onde o fato se revela em suas condições de *maximum* ou de *optimum* e, por outro lado, o *limite* que marca a extensão geral extrema do fenômeno. (BRUNHES, 1962, p. 416)

Nota-se, portanto, uma nítida preocupação de JB para com o papel da geografia – “dando sempre a primazia de lugar” – no âmbito do desenvolvimento do conhecimento científico em geral.

E este espírito geográfico, através da consideração acerca da exata “extensão geográfica dos fatos” – o quadro geográfico geral dos fenômenos e fatos – tem sido preocupação de diversos outros campos do conhecimento científico, bem como em obras literárias, daí sua preocupação, principalmente, em: “Ver as formas precisas da realidade terrestre, vê-las em tôda a sua extensão material, e até suas zonas-limites, discernir as representações variadas em diferentes pontos do espaço, eis o que preside o espírito geográfico”. (BRUNHES, 1962, p. 423)

4. A COMPLEXIDADE NA EXPLICAÇÃO DE FENÔMENOS/FATOS ESPECÍFICOS: DOENÇAS INFECCIOSAS, HABITAÇÃO E QUESTÃO AMBIENTAL

Destacar-se-ão, nesta seção, especificamente, três fenômenos/fatos dentre tantos outros – explícitos e implícitos – levados em consideração na *Geografia Humana* de JB: o das doenças infecciosas, o da habitação e o da questão ambiental, relacionados a questões globais.

A escolha destes fenômenos/fatos geográficos deveu-se, notadamente, ao fato de que se tratam de problemas sobre os quais o autor deste escrito tem-se debruçado nestes últimos anos de trabalho.

Ultrapassando, portanto, a dimensão material do conhecimento geográfico, JB delimitou uma *Geografia das Doenças Infecciosas* como um campo exemplar que tem justificado a contribuição e, por sua vez, o reconhecimento da *Geografia Humana* por outros campos relevantes do conhecimento científico que se faziam presentes em sua época. Para tanto, ele argumentou que

Não existe, talvez, uma outra ordem de pesquisas propriamente científicas, que tenha confirmado a legitimidade das pesquisas geográficas e revelado singulares e muito estreitas relações com a Geografia Humana, como os mais recentes estudos sobre as doenças endêmica e epidêmicas. [...] O primeiro estágio da pesquisa deve, pois, ser a pesquisa geográfica e, se possível, a figuração gráfica das zonas onde grassa essa ou aquela doença. Começou-se, aliás, por aí. Mostrou-se a conexão entre as regiões pantanosas e a malária, através de mapas típicos... (BRUNHES, 1962, p. 423)

O que corrobora o fato de que a geografia, muito longe de achar-se isolada no âmbito científico, está efetivamente conectada com outros campos da ciência, fator que, por sua vez, é fundamental ao desenvolvimento da própria geografia uma vez que, segundo ele mesmo, “a geografia se desenvolve pelas bordas”. Nesta perspectiva, então,

A Geografia não é, pois, agora, consultada apenas para fornecer princípios de método, mas é invocada [...] como detentora do segredo e da explicação fundamental da distribuição de um certo número de fatos de morbidez infecciosa. Esta orientação tornou-se desde então uma espécie de princípio, rigorosa e universalmente aplicado. As condições geográficas e sociais de vida e, em consequência, os *gêneros de vida* aparecem, eles próprios, com mais precisão que nunca, como fatores de doença ou de saúde. (BRUNHES, 1962, p.433)

Havendo, assim, uma clara preocupação de JB no que diz respeito, ao mesmo tempo, à realização de estudos comprometidos com a busca de solução para os problemas sociais identificados. O mesmo raciocínio foi considerado quando JB voltou seu olhar para a questão da habitação, fato essencial à vida dos homens que vivem na terra.

Fenômeno localizado e fixo, a habitação é, por excelência, um fenômeno geográfico. Dentre todos os fenômenos ligados à satisfação das necessidades essenciais da vida humana, é o que possui, no mais alto grau, uma significação geográfica, e, daqui a pouco, caberá lembrar que, por esta razão, êle merece ser objeto de uma observação muito especial. À habitação é devido um lugar excepcional na hierarquia geográfica dos fatos humanos. (BRUNHES, 1962, p. 49)

Ainda acerca da habitação como um fato flexível intrinsecamente vinculado às necessidades sociais na história da humanidade, JB argumentou que

Isso lhe é devido tanto mais porque toda modalidade do trabalho humano, sobre a superfície da terra, acarreta formas de instalação pelo menos temporárias ou intermitentes; não há obra geográfica humana, em um ponto do espaço, sem que a ela se juntem, se justaponham ou se superponham fatos de habitação. Tudo conduz à casa e aos aglomerados de casas, vilas ou cidades, tão bem que, no fim último de qualquer estudo de fenômenos de Geografia Humana, qualquer que sejam eles, seremos obrigados a examinar e constatar como se manifestam ainda e além do mais – corolários ou consequências – em casas esparsas ou aglomeradas. (BRUNHES, 1962, pp. 49-50)

Desse modo, muito além de um fato puramente material, a habitação tratava-se, ao mesmo tempo, de um fenômeno imaterial [psicológico], razão por que não se poderia explicá-la

de todo sem se levar em conta elementos de ordem, segundo ele, psicológica, isto é, ligados, por assim dizer, à existência humana.

Em sendo assim, ou seja, evidenciando sempre uma perspectiva complexa de geografia, para JB, necessitava-se

Considerar inicialmente as necessidades fisiológicas dos homens, como o fizemos, é explicar como o ser humano, qualquer que seja êle, desde seus primeiros passos e desde as suas primeiras horas de existência, fatalmente entra em contato com o mundo físico. [...] Não teremos a obrigação de nos livrarmos, tanto quanto possível, de toda concepção psicológica, etnológica ou social, e de cumprir esta missão primordial, ou seja, a observação positiva dos fatos humanos sôbre a terra, a êles mesclando, o menos possível, o elemento subjetivo humano? (BRUNHES, 1962, pp. 54-55)

Além da flexibilidade deste fato geográfico essencial às necessidades humanas no tempo-espço, JB também chamava nossa atenção para a contribuição de outras perspectivas de percepção dos fenômenos sociais a exemplo de sábios e artistas, sendo isto mais um motivo que o aproximava do Paradigma da Complexidade, do Humanismo, etc.

Numerosos pesquisadores, sábios e artistas, arqueólogos, etnógrafos e arquitetos preocuparam-se em investigar as formas da moradia urbana e rural. A forma da casa interessa ao geógrafo não tanto por seus detalhes, como por seu conjunto, por seu plano e sua adaptação às condições geográficas. Mesmo onde as intrincadas e antigas influências históricas e um maior poder humano parecem libertar a iniciativa do homem de uma dependência demasiado estreita do meio, a observação geográfica tem, ainda, muito a pesquisar como, também, a escolher. Existem numerosos fatos cuja dependência, em relação ao quadro geográfico, é surpreendente: as cabanas de neve, ou *iglus*, dos esquimós americanos; o *tchoum* de verão e a *iurta* de inverno dos ostiacos; as tendas de feltro cinza dos nômades da Ásia Central, as casas taitianas, ou as casas congolosas, construídas com folhas e hastes vegetais; as cabanas redondas, recobertas de cômlo, de Harrar, no sopé do Maciço Abissínio; as casas com tetos de folhagem e sem paredes da Bolívia Oriental (as habitações de pescadores no Brasil). (BRUNHES, 1962, p. 80)

Vale ainda ressaltar, no sentido acima indicado, sua pertinente preocupação em perceber a habitação como, ao mesmo tempo, habitat [casa] e habitar; uma vez que este fato geográfico acha-se emaranhado na cidade, no âmbito de um sistema de fluxos os quais, por sua vez, dinamizam, permanentemente, a cidade.

Desde que as casas se agrupam, a circulação torna-se intensa, a rua começa – rua de desenho mais ou menos nítido, espaço mais ou menos regular deixado entre as habitações, mas que é, ainda, a marca geográfica de tudo aquilo que exprime a circulação, mesmo elementar, isto é, a passagem dos homens, o transporte das mercadorias, as trocas... (BRUNHES, 1962, p. 94)

Em sendo assim, para JB, havia uma combinação emaranhada entre as casas e as ruas, resultando em tipos diversos de aglomeração humana os quais se achavam vinculados às especificidades regionais no âmbito da qual se achavam. No caso, em particular, da *aldeia-tipo*,

dizia ele que esta, em sendo, “[...] por si própria, um fato geográfico: é fato geográfico pelo que exprime da natureza de uma região; é fato geográfico por suas relações, de aspecto e de posição, com suas circunvizinhanças imediatas”. (BRUNHES, 1962, p. 99)

Reforçando este argumento, dizia JB que a estrada era direcionada ao centro urbano, dependendo, simultaneamente, deste centro; mas que, contraditoriamente, o centro edificado dependia da estrada. Havia, portando, na visão do autor em epígrafe, uma forte inter-relação entre estrada e cidade, uma reciprocidade criando, destruindo e recriando a outra no movimento perpétuo da História. Ademais,

Convém lembrar, também, que não existe cidade ou caminho que, como fato, leve, em si só, as razões totais de seu desenvolvimento; desde que existe, participa de conexões cujo conjunto guarda o segredo de seu futuro; quanto mais cresce o fenômeno, mais depende de seu derredor, e este último, cujo fator principal é a facilidade e a rapidez das comunicações, é sempre mais ou menos moldado ou modificado pela vontade humana. (BRUNHES, 1962, p. 135)

Da mesma maneira, também não passou ao largo da sua percepção o fato da verticalização das construções na cidade, o qual se tem feito cada vez mais presente na cidade, chegando ao mundo contemporâneo. Em sendo assim,

Quando uma aglomeração está demasiado congestionada, a casa cresce verticalmente. [...] a cidade espanhola de Cádiz, comprimida pelo mar, na extremidade de sua península, vê suas casas altearem-se muito. [...] A colossal Nova York, da qual uma parte não pode mais estender-se, detém o recorde dos *arranha-céus* e possui numerosas casas que ultrapassam 200 metros de altura! (BRUNHES, 1962, p. 144)

E, ao mesmo tempo, JB considerou processo análogo acontecendo com as estradas, no curso do processo permanente de mudança no espaço, constituindo tais obras resultados do processo permanente de reconstrução do espaço dos homens e das mulheres após a destruição do que se tinha anteriormente.

As cidades, mesmo as mais modernas, e forçosamente as grandes cidades, carecem de adaptação às necessidades sempre crescentes da circulação. [...] Assim como a casa multiplicou seus andares nas cidades comprimidas, as vias de circulação tendem a superpor-se umas às outras; esta foi a origem das vias subterrâneas ou aéreas dos *metropolitanos* (Nova York, Londres, Paris, Berlim, etc.). (BRUNHES, 1962, p. 159)

Tal flexibilidade inerente à construção do espaço urbano era apreendido justamente através do uso do princípio de atividade, pelo qual se notava e analisava o processo permanente de construção, destruição e (re) construção das cidades na perspectiva de reconfiguração de outros espaços: construção de cidades, destruição de áreas históricas das cidades, construção de outras áreas tornando o espaço mais fluído aos novos interesses (com a implantação de bulevares, subterrâneos, edifícios em altura, etc.).

No que diz respeito a um outro fenômeno, não explicitado diretamente, na sua obra, mas implicitamente presente refere-se ao que se chama hoje de questão ambiental, muito embora o tenha dito com outros termos; o que se justifica para nós pelo motivo de tratar-se de um geógrafo de outro momento da história.

Na perspectiva colocada no parágrafo anterior, acredita-se, seguindo a opinião de Moreira (2009), que JB talvez tenha sido o primeiro geógrafo a levantar questões ambientais na medida em que se preocupou com problemas atinentes a desmatamentos, degradação de solos, extermínio de animais e seres humanos, etc. e tudo isso em função do dinheiro.

Devastação e pilhagens feitas pelos nômades Tuaregues no oásis cultivado, ou exploração imprevidente e irracional das plantas produtoras de borracha no Congo ou na Amazônia – são fatos análogos à caça imoderada que tende ao extermínio de certas espécies – pássaros de *aigrettes*, animais de peles valiosas ou marfim. Ora, se refletirmos nisso, veremos que os fatos primitivos de destruição vegetal, de caça ou de pesca, sem implicar sempre tão graves e gerais conseqüências, sem, com certeza, merecer julgamento tão severo, e mesmo poderem às vezes estarem associados a uma sábia economia da terra, tendem, todos, à *retirada* dos seres vivos do nosso globo, para a reprodução dos quais o homem de maneira alguma cooperou; e todos, em seu princípio, são assassinos. (BRUNHES, 1962, p. 59)

Em sendo assim, JB chamava, portanto, a atenção para a necessidade de se rever as práticas de ocupação e uso do solo, da vegetação, das águas, bem como a natureza das relações sociais então vigentes, propondo o que denominou de *sábia economia da terra*.

Com o acima dito, tem-se que JB deu forte destaque aos limites com relação ao uso dos instrumentos de trabalho utilizados pelo homem e ao seu poder sobre a terra.

O poder e os meios de que o homem dispõe são limitados e o próprio homem se choca contra limites intransponíveis. Da mesma forma, nossa atividade na superfície da terra se acha detida por condições *restritivas*. Dentro de certos limites, pode variar seu jôgo e seus movimentos; não pode, porém, conseguir que este quadro deixe de existir: muitas vezes, é possível modificá-lo, mas nunca suprimi-lo. (BRUNHES, 1962, p. 439)

Diante do que se acabou de colocar, nota-se que JB recorreu a causas essenciais da questão ambiental e da questão social, recolocando de maneira mais profunda a necessidade do homem autoconscientizar-se de que precisaria reaproximar-se da natureza através de uma postura mais humilde, dialógica e sábia.

Nunca deve esquecer que os fatos de Geografia Humana não encontram sua explicação completa, nem seu único princípio de coordenação, nas causas geográficas somente: *o reflexo psicológico das causas geográficas sobre o ser humano e, na medida dos seus próprios apetites, necessidades ou vontades*, este é bem o fator sutil e complexo que deve prevalecer em todo o estudo de Geografia Humana: o fator que permite distribuir e coordenar os fatos, com relação às causas naturais e com relação ao homem. Muitos geógrafos, depois de terem falado, não sem razão, da ação e reação das forças naturais e das

fôrças humanas, perguntam com demasiado rigor e de forma muito abstrata: até que ponto se exerce a influência das fôrças naturais sôbre a atividade humana e em que medida o homem reage em face destas fôrças? E não conviria adotar em seguida, como princípio de uma divisão científica geral, os dois têrmos antitéticos: *ação da Natureza sôbre o homem e reação ou ação do homem sôbre a Natureza*? Daí nasceram as expressões de *Geografia Humana passiva ou estática e Geografia Humana ativa ou dinâmica*. (BRUNHES, 1962, p. 440)

Buscando responder explicitamente à indagação acima colocada, JB reconhece, ao mesmo tempo, que o homem deve perceber que também é parte importante da natureza.

O homem nunca é completamente passivo, ou, melhor dito, só é inteiramente passivo quando agentes do mundo físico lhe tiram a vida. Enquanto vive, êle age, reage; bebe, come, se estende em um ponto do globo para dormir, atos êstes em que é fácil reconhecer o gesto da sua própria participação nos fatos geográficos. (BRUNHES, 1962, p. 441)

Fica patente para nós que, em vez de enquadrar geógrafos como este em um bloco monolítico denominado por Febvre (1922) de “possibilismo”; seria muito mais prudente compreendê-lo como um intelectual irrequieto que possuía uma visão complexa de mundo e que, por tal motivo, abriu caminhos interessantes para se pensar em “possibilidades” concretas a fim de enfrentar o grau exacerbado de destruição da natureza pela introdução de novas técnicas que intermediavam as relações do homem com o seu meio.

Se o homem não se autoconscientizar de tal problema, ele poderá prejudicar-se ainda mais a si mesmo, e muito; sobretudo porque a natureza responde ao homem de acordo com a sua postura diante dela. E se tal postura não é sábia, mas exacerbadamente destruidora, a natureza poderá “vingar-se”.

Assim, tudo é para os homens, sôbre a superfície do nosso globo, trabalho de costume, de sã compreensão dos fatos físicos e de hábil adaptação a êstes últimos. Porém é preciso que a adaptação se opere prontamente, na hora oportuna – percebida, preparada e conduzida por pesquisas científicas exatas. A vingança dos fatos físicos contrariados é tanto mais cruel quanto mais grandiosa e gloriosa tenha sido a conquista humana. (BRUNHES, 1962, p. 443)

Apelando mais uma vez para o *elemento psicológico*, JB ressaltava a necessidade de mudança no âmbito da percepção teórica e prática com relação ao lidar com a – sua – própria natureza no sentido ao mesmo tempo de atingir a raiz de todo o problema, ou seja, o modelo consumista de sociedade que já se fazia presente no tempo em que viveu e trabalhou.

Tratava-se, assim, de uma perspectiva de se buscar uma forma de reeducação do homem, talvez aproximando-se do que se chama hoje de educação ambiental, o que, aliás, geógrafos irreverentes como Elisée Reclus já havia colocado na segunda metade do século XIX. Isso, enfim, para começar a combater, pela explicação geográfica dos seus impactos, o consumismo que já se acontecia no tempo-espaço de JB.

De certo modo, é a mesma coisa forçar as condições naturais e exagerar a extensão de uma cultura, acrescentando excessivamente uma produção. Há no mundo um número limitado de bôcas e estômagos pronto para receber café ou vinho; não se saberia como modificar bruscamente nem seu número global, nem sua capacidade individual; é preciso ainda acrescentar que, para regular a necessidade de consumo, intervém, em primeiro lugar, o fator psicológico – gostos, moda, hábito, tradição – o verdadeiro senhor. (BRUNHES, 1962, p. 444)

Muito distante, portanto, de uma perspectiva geográfica determinada unicamente pelos fatores físicos; mas buscando uma situação de certo equilíbrio entre homem e meio no âmbito do movimento histórico, dizia JB que

Pelo fato de que as fôrças humanas crescem e se concentram, não se deveria, por isso, acreditar que a dependência dos homens em relação às condições naturais tenha sido suprimida; torna-se diferente, nada mais. E alguns fatos geográficos vêm a ser, cada vez mais, os senhores absolutos do homem. Tais fatos, que tendem a influenciar cada vez mais o destino dos grupos humanos – êstes fatôres tirânicos da Geografia Humana do futuro – são os seguintes: o *espaço* [base de qualquer ser coletivo poderoso; base do direito à vida]; a *distância* [obstáculo a vencer medido pelo tempo]; a *diferença de nível* [um padrão de força a ser utilizado, como riqueza econômica]. (BRUNHES, 1962, pp. 446-7)

A questão ambiental em JB esteve presente, portanto, de maneira patente no momento em que ele se referia à problemática do processo de ocupação – destrutiva – do solo em espaços na terra, com finalidades preponderantemente produtivistas no âmbito de uma sociedade consumista em processo de consolidação.

Sob a denominação geral de *ocupação destrutiva* deve-se agrupar tôda exploração da terra que tenda a extrair matérias-primas minerais, vegetais ou animais, sem intenção ou meios de restituição. Os homens que retiram de uma pedreira de molasso ou de mármore material para edificação de suas moradias, deslocam, sem intenção de substituí-los, materiais naturalmente engastados no solo. A pesca e a caça que não se ligam a uma criação, como a dos faisões ou dos salmões, constituem igualmente uma retirada da Natureza não compensada por esforços humanos. (BRUNHES, 1962, p. 290)

Mas, sabiamente, JB soube distinguir as formas de ocupação necessária durante a existência humana daquelas efetivamente predatórias, ocorridas unicamente para a satisfação dos interesses mercadológicos, inclusive chamando a atenção da sociedade e então para os impactos negativos desta ocupação destrutiva na sociedade.

Entre as formas de ocupação destrutiva algumas possuem um caráter normal, metódico; as outras, pelo contrário, são caracterizadas por uma intensidade moderada, que as faz merecedoras da designação alemã *Raubwirtschaft*, isto é, rapina econômica ou, mais simplesmente, devastação. A economia destrutiva [...] é, em certo sentido, uma forma particular da coleta, mas que se exerce sôbre a Natureza com muito mais violência. Dêsse violento atentado pode resultar a miséria; é, então, a devastação caracterizada”. (BRUNHES, 1962, p. 291)

Como exemplos deste último caso, o autor colocou a catástrofe do abandono das áreas após anos de exploração, deixando a miséria no espaço usufruído após o esgotamento das atividades decorrentes da mineração; a devastação das florestas; e o extermínio de animais e homens. Neste último caso, mormente, de negros e indígenas que foram dizimados ao longo do processo de “colonização” do Novo Mundo.

Outra grande contradição considerada por JB compreendia a dos cheios e vazios, relativa à distribuição-redistribuição, mediante a qual o espaço se organizaria naturalmente de maneira a concentrar coisas em determinados lugares e a esvaziar outros. Motivo pelo qual se teria que buscar controlar este processo de modo a reequilibrar a vida na terra.

Tal preocupação evidencia, ademais, uma tradição salutar, na geografia clássica de uma maneira geral, ou seja, a de denunciar injustiças socioespaciais, vislumbrando formas de superá-las através dos estudos realizados.

Mas, simultaneamente, JB ressaltou o advento da formação e execução de uma “reação amadurecida” de sociedades frente a tal processo destruidor dos espaços dos homens, demonstrando claramente um exemplo de que a sociedade, neste caso, conseguiu tomar as rédeas do processo contraditório a fim de buscar uma solução mais adequada para a humanidade.

Nos últimos tempos tem havido uma grande preocupação sobre todos esses excessos destrutivos. Na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá tomaram-se enérgicas medidas contra a devastação. Os Estados Unidos foram os primeiros a dar o exemplo criando uma espécie de museus naturais, os *Parques Nacionais*, que são verdadeiros *conservatórios* da vida vegetal e animal, assim como de todas as riquezas naturais. Foram criados parques nacionais no Canadá, na Argentina, na Alemanha, Suíça, França, etc. (BRUNHES, 1962, p. 300)

Com isso, JB colocou o fato de que, contraditoriamente,

A economia *destrutiva* pode, portanto, ter um fim e uma significação *construtivos*. Ela destrói, é certo. O fato geográfico continua patente: essa forma de economia despoja incessantemente, em mil pontos, a superfície terrestre de suas riquezas, que não são nem serão nunca devolvidas. Porém, se tem construído, freqüentemente, uma rapinagem, um desperdício, ela muitas vezes têm proporcionado aos homens os materiais ou os meios mais poderosos para que tenham podido chegar ao presente estágio de incomparável desenvolvimento científico e técnico da vida civilizada à superfície de nosso globo. (BRUNHES, 1962, p. 326)

Enfim, achamo-nos aqui diante da outra grande contradição apontada por JB segundo a qual todo processo de produção do espaço geográfico é acompanhado de um processo de construção, destruindo as coisas para construir outra situação, o que, aliás, faz parte da natureza e história dos homens e das mulheres.

Não há, portanto, como produzir espaço sem destruir a natureza, mas ter-se-ia que se buscar concretizar um compromisso em termos de responsabilidade dos homens e das mulheres para com um mundo a ser reconstruído de maneira ambientalmente mais consequente, ou seja, respeitando a sua diversidade.

5. CONCLUSÃO

Diante do que se acabou de expor acima, infere-se, primeiramente, que o legado de Jean Brunhes (JB) foi enorme, e não somente para a geografia *per se*; mas, para o entendimento de diversas questões atreladas à dinâmica das sociedades humanas na terra abordadas, ao mesmo tempo, por outros campos do conhecimento científico.

Esse encontro interdisciplinar entre campos diferentes do conhecimento científico e entre a ciência e o mundo vivido enriqueceu sobremaneira nosso saber específico e, por seu turno, valorizou seu reconhecimento, a partir da sua contribuição perante os demais campos do conhecimento.

Para reforçar esta contribuição, foi-nos necessário reler a sua obra mais referenciada pelos geógrafos e outros cientistas, a *Geografia Humana*, no sentido de recuperar seu legado em termos, principalmente, das frentes de abertura de caminhos para o estudo e a pesquisa de temas socioespacialmente relevantes para a compreensão do mundo de hoje.

Descobriu-se que JB destacou problemas que ainda existem no tempo presente – proliferação de doenças, habitacionais e ambientais relacionados à maneira mediante a qual os homens e as mulheres se utilizam do seu próprio meio ambiente – através de posturas metodológicas próximas de paradigmas de destaque nos nossos dias tais como o da complexidade e o humanístico.

O que, aliás, é reforçado pela utilização do “princípio de atividade” e do “princípio de conexão”, os quais aproximaram JB de uma postura dinâmica, interdisciplinar e integral de ciência, fazendo deste geógrafo clássico um intelectual irreverente no âmbito de uma “escola” de geografia que se disse conservadora e alheia aos problemas sociais.

Enfim, ressalta-se que se faz fundamental retomar os clássicos – indo diretamente às suas obras-fontes originais – a fim de, não nos deixando levar por análises simplistas, captar a essência das suas obras como caminho ao conhecimento da origem de muitos dos problemas que vivenciamos em nossos dias.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.
- BRUNHES, Jean. *Geografia humana*. 1ª edição brasileira. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962.
- FEBVRE, Lucien. *La terre et l'évolution humaine. Introduction géographique à l'histoire*. Paris: Éditions Albin Michel, 1922.
- MORAES, Antonio Carlos Robert de. *Geografia. Pequena história crítica*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1983.
- MOREIRA, Ruy. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias*. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- ZANOTELLI, Cláudio Luiz. *Yves Lacoste: Entrevistas*. São Paulo: Annablume, 2005.